

Gestão das Artes | O papel da disciplina no Ensino Artístico Especializado das Artes Visuais e Audiovisuais

Hélder J. Ferreira de Castro (1976)

Escola Artística António Arroio

O presente texto resulta de um Trabalho de Projeto submetido para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Estudos da Cultura com o título: Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado, ISCTE-IUL – Outubro de 2017.

RESUMO

Gestão das Artes/Cultural é uma área recente no mundo académico, no campo das profissões e tem conhecido uma ampla produção académica e literária nos últimos anos. A disciplina de Gestão das Artes surge no contexto do ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais no ano letivo 2005/06 e, em termos de oferta curricular, parece ser um caso raro a nível nacional e internacional. Em Portugal, a disciplina é lecionada na Escola Artística António Arroio, (Lisboa) que é o nosso território de referência da experiência pedagógica. Passados doze anos da sua existência, torna-se importante fazer uma reflexão sobre o papel da disciplina, baseada na experiência pedagógica, na pertinência dos conteúdos e processos de ensino-aprendizagem. Recorrendo a inquéritos, entrevistas, pesquisa no terreno e análise documental, procurou-se verificar a importância da disciplina em contexto. As conclusões permitiram aferir que esta disciplina é fundamental no ensino artístico especializado e que se deve equacionar a sua oferta no ensino superior das artes visuais e audiovisuais.

Palavras-chave: Ensino de arte, Inovação curricular, Gestão das artes, Artes visuais e audiovisuais, Pedagogia.

Enquadramento da disciplina de Gestão das Artes

Os Cursos do Ensino Artístico Especializado subdividem-se em três domínios: Artes Visuais e Audiovisuais, Dança e Música¹. Para este trabalho interessamos analisar as escolas de Artes Visuais e Audiovisuais do ensino público.

Atualmente existem duas escolas públicas de ensino artístico especializado nos domínios das artes visuais e dos audiovisuais em Portugal: a Escola Artística Soares dos Reis (Porto), criada oficialmente em janeiro de 1884² e a Escola Artística António Arroio (Lisboa), cuja génese remonta a 1919, ano em que foi fundada a Escola de Arte Aplicada de Lisboa³. Além de uma enorme herança histórica, artística e cultural, ambas as escolas partilham as mesmas estruturas de currículos.

Os cursos artísticos especializados, são cursos de nível secundário de educação com a duração de três anos letivos, que correspondem aos 10º, 11º e 12º anos de escolaridade. O 10º ano é comum. Neste nível escolar os alunos experimentam todas as áreas tecnológicas dos diferentes cursos. No 12º ano, os alunos terão de completar a Formação em Contexto de Trabalho (FCT) e de realizar uma Prova de Aptidão Artística (PAA). Estes cursos estão orientados numa dupla perspetiva: o prosseguimento de estudos em cursos de especialização tecnológica ou de ensino superior (universitário ou politécnico) e a inserção no mundo do trabalho.

Os cursos artísticos especializados destinam-se a alunos que, tendo concluído o 9º ano de escolaridade ou equivalente, pretendam obter uma formação artística de nível secundário. Conferem um diploma de conclusão do nível secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível 4⁴. O plano de estudos indica que os alunos devem escolher uma das disciplinas opcionais, para o 11º e 12º anos (são disciplinas bianuais), de entre o leque de opções definida para as componentes de formação científica ou técnico-artística, de acordo com a natureza do curso e o projeto educativo da escola. No caso da Escola Artística Soares dos Reis (EASR) são oferecidas: Imagem e Som B; Matemática; Física e Química Aplicadas e Modelação e Animação 3D e na Escola Artística António Arroio (EAAA), as ofertas de disciplinas opcionais são: Gestão das Artes; Física e Química Aplicadas; Matemática e Teoria do Design.

Atualmente, a EAAA é a única escola do ensino artístico especializado, onde a disciplina de GA é lecionada e, por esse motivo, esta escola situada em Lisboa será o nosso território de referência da experiência pedagógica para este texto. A EASR, escola irmã, como habitualmente no meio escolar a designamos, nunca abriu a disciplina nos seus cursos, apesar de terem conhecimento dessa possibilidade, segundo constatei junto da Direção da mesma ao longo de diferentes anos. A razão apontada foi sempre que a oferta

formativa estava a funcionar bem com outras disciplinas opcionais. Esta resposta traduz, de certa forma, algum conforto. Em visita à EASR no início do ano civil de 2017, revelou-se, finalmente, alguma curiosidade e interesse em abrir a disciplina de Gestão das Artes na oferta formativa, contudo e iniciado o ano letivo 2017/18, tal não aconteceu.

Em escolas públicas que não são especializadas em ensino artístico, mas que têm oferta de cursos especializados do ensino artístico, existem apenas duas onde seria possível a oferta de GA. São elas a Escola Básica e Secundária de Carcavelos, em Cascais e a Escola Secundária Tomás Cabreira, em Faro. Pelo que possível apurar, apenas nesta última escola figura a disciplina de GA, num único curso artístico especializado, que faz parte da sua variada oferta formativa. Trata-se do curso artístico especializado de Design de Comunicação⁵. Na Escola Básica e Secundária de Carcavelos é oferecido um curso de ensino artístico especializado em Produção Artística. Tem como disciplinas de opção: Teoria do Design ou Matemática⁶.

Este é o contexto geral em que a disciplina de GA se insere e que importa ter em conta para as abordagens posteriores que iremos fazer neste trabalho.

O contexto em que surge a disciplina de Gestão das Artes no ensino artístico especializado

A disciplina nasceu em 2004 na sequência da reforma enunciada no Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março⁷.

Na sequência deste decreto, o nome da disciplina aparece pela primeira vez na Portaria, n.º 550-B/2004 de 21 de Maio⁸ e de seguida, na Portaria n.º 554/2004 de 22 de Maio⁹ integrada no plano de estudos dos cursos do ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais. Com a introdução desta disciplina na oferta formativa do ensino artístico, surge mais tarde o programa do 11º ano e 12º ano, que viria a ser homologado a 14 de julho de 2006 e a 11 de Dezembro de 2006, respetivamente. A disciplina de GA integra-se na componente técnico-artística dos planos de estudo dos 11º e 12º anos dos cursos de Comunicação Audiovisual, Design de Comunicação, Design de Produto e Produção Artística, do Ensino Artístico Especializado de Artes Visuais e Audiovisuais do ensino artístico especializado.

Em entrevista realizada no dia 16 de junho de 2017 a José Carlos Alvarez, coordenador técnico responsável pela conceção e apresentação do programa oficial de GA, encomendado pelo Ministério da Educação (ME), este referiu a forma como foram constituídas as equipas e os objetivos que pretendiam alcançar na construção pioneira do programa de GA. Segundo o entrevistado, foi constituído um grupo de trabalho multidisciplinar, de profissionais ligados à arte e à cultura que, em conjunto com elementos da Direção Geral do Ensino Vocacional, pretenderam, no início,

criar uma nova área de estudo, cujos temas /conteúdos pudessem de algum modo fazer uma ligação estreita com o programa de História da Arte. Revelou que a ideia inicial seria criar uma nova área de estudo, transversal a outras formações, que não só a do ensino artístico especializado. De acordo com o entrevistado, devido a uma reorganização das equipas no ME, todo o trabalho efetuado acabou por ser adaptado no modelo atual, ou seja, um programa de disciplina opcional cuja ideia era dar aos alunos umas breves noções relativas ao mundo da produção das artes e do espetáculo e algumas competências para integrar em equipas de produção com alguns instrumentos da esfera da Gestão das Artes, com um carácter introdutório a esta área.

O carácter opcional da disciplina de GA está ainda hoje em regime de experiência pedagógica, como muitos outros programas expostos no site da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP). A disciplina começou a ser lecionada na Escola Artística António Arroio, no ano letivo 2005/06, por professores do grupo 600 do quadro de escola e de zona. No ano letivo 2009/10, ano em que iniciei o meu trabalho na EAAA, passou a ser lecionada por professores contratados sujeitos a concursos anuais, Docentes de Técnicas Especiais (como é o meu caso) cujos critérios de contratação, grosso modo e tendo em conta as alterações legais que sofreram, privilegiam o percurso académico e profissional dos contratados.

Análise do programa da disciplina de Gestão das Artes

No sentido de preparar uma melhor compreensão do papel da disciplina, teremos de partir desde já para uma análise do programa de Gestão das Artes. Posto isto, irei apresentar em linhas gerais os conteúdos do atual programa, nas suas diversas componentes estruturais: finalidades, objetivos, visão geral dos temas/conteúdos, sugestões metodológicas, competências, recursos, avaliação e bibliografia sugerida.

A disciplina de GA está estruturada num programa que se encontra na lista de programas da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP)¹⁰. O programa é organizado em sete módulos, respetivamente quatro no 11º ano e três no 12º ano, desenhado para 33 semanas letivas. Em termos gerais e de acordo com os autores José Carlos Alvarez e José Ramalho (2006), o programa tem como objetivo dotar os alunos de competências e saberes que lhes permitam integrar equipas de produção artística e divulgação cultural (Alvarez e Ramalho, 2006: 2). Os autores focam alguns aspetos essenciais para a prática pedagógica da disciplina, nomeadamente a importância das parcerias ou protocolos com organizações e instituições culturais, para o desenvolvimento de projetos de exposições. Segundo os autores, a interação com outras disciplinas, desenvolvida no âmbito escolar, principalmente com a disciplina de Projeto e Tecnologias, deve ser entendida

como fundamental para a concretização das aprendizagens e aquisição de competências em Gestão das Artes (Alvarez e Ramalho, 2006: 2), procurando dotar os alunos de condições para poder interpretar o mercado artístico partindo de/e relacionando, a interação entre os vértices: Criação/Produção/ Programação/Receção, que é, de resto, a espinha dorsal do programa. Percebe-se que o atual programa aponta para uma análise e prática transdisciplinar de diferentes áreas do conhecimento. As finalidades do atual programa da disciplina são descritas da seguinte forma:

- Compreender o papel da Gestão das Artes enquanto atividade criativa.
- Fomentar o respeito pela diferença artística.
- Promover o conhecimento da diversidade das artes nas sociedades contemporâneas.
- Conhecer, comparativamente, os múltiplos contextos nacionais e internacionais da Gestão das Artes.
- Identificar as dinâmicas que presidem à formação de públicos.
- Qualificar para a integração em equipas de produção artística e divulgação cultural.
- Proporcionar o desenvolvimento de capacidades de negociação e de argumentação.
- Desenvolver o pensamento estratégico aplicado à Gestão das Artes.
- Conhecer a dimensão económica do Bem Artístico.
- Promover o conhecimento de programas artísticos e políticas de programação de instituições culturais.
- Reconhecer os discursos estéticos contemporâneos e a sua aplicabilidade na Gestão das Artes. (Alvarez e Ramalho, 2006: 4)

Entendemos como finalidades o que se pretende alcançar ou realizar com o programa, e os objetivos, o que tem ou deve ser feito para atingir direta ou indiretamente as finalidades. De seguida apresentam-se os objetivos gerais previstos no programa de GA:

- Compreender as artes enquanto geradoras de um conjunto de atividades desenvolvidas por diversos agentes.
- Compreender o mercado das artes e as suas consequências para os setores público e privado.
- Identificar conceitos, contextos e metodologias relacionadas com a Gestão das Artes.
- Analisar o papel desempenhado pelos gestores das artes nas sociedades contemporâneas.

- Reconhecer os contextos nos quais emergiu a figura do gestor das artes e o significado deste na afirmação das novas profissões artísticas.

- Reconhecer os conceitos fundamentais para a abordagem das organizações culturais.

- Identificar as relações dos gestores das artes com os criadores e os públicos.

- Compreender as lógicas subjacentes ao consumo cultural.

- Equacionar a natureza socialmente construída da figura do criador, enquanto protagonista de uma carreira artística e os mecanismos através dos quais esta se desenvolve.

- Conceber e desenvolver um projeto no âmbito da Gestão das Artes. (Alvarez e Ramalho, 2006: 5)

Visão dos temas/conteúdos do atual programa de GA:

Segundo os autores Alvarez e Ramalho (2006) o sucesso deste programa passa, entre outros aspetos, por uma sólida aquisição de conceitos no domínio das Artes e da Economia, por parte dos alunos. Pretende-se que as metodologias aplicadas no processo ensino-aprendizagem e os recursos didáticos utilizados, fomentem o contato com a literatura do universo das Artes e da Economia, do mundo dos negócios, sobretudo aspetos de ordem legal e financeira.

Em termos gerais, o programa do 11º ano, solicita uma organização de informação bibliográfica sobre as artes e o setor artístico, relacionando aspetos históricos, como por exemplo a história do mecenato, e estéticos (atividade artística); sóciológicos e antropológicos, (sociologia da arte, a produção e criação artística, da receção/públicos); e simbólicos (discursos culturais), (Alvarez e Ramalho, 2006: 6).

Partindo para uma análise mais específica, no Módulo I encontramos temas/conteúdos relativos ao património e preservação deste, aspetos ligados ao ato criativo, aos públicos da cultura e ao papel dos intermediários. Este último aspeto é onde se insere a prática da Gestão das Artes ou Gestão Cultural, dado que está entre a produção artística e o público - a quem se destinam os bens simbólicos. O triângulo – Arte do lado dos criadores | Arte do lado dos Públicos | Arte do lado dos intermediários – é fundamental para a perceção dos mecanismos e articulação entre o mundo da criação | produção | receção. O Módulo II centra-se na aquisição de competências transversais, pessoais e sociais, tratando de temas como por exemplo os conceitos de cultura e cidadania, temática esta que tem sido objeto de integração no currículo geral dos alunos no ensino obrigatório, por parte do Ministério da Educação e que o programa da disciplina já lhe confere,

pelo menos, 6 unidades letivas de 90'. O módulo III faz reflectir sobre economia da cultura e políticas culturais e o Módulo IV desenvolve-se sobretudo através de um trabalho de investigação, que simula a criação e organização de uma exposição tentando, deste modo, consubstanciar quadros teóricos e conceitos básicos do universo da produção, curadoria e do trabalho do gestor das artes.

Referindo-me em termos gerais ao programa do 12º ano, ele é orientado para a planificação, execução e realização de um projeto/evento do tipo Mostra de Artes, (Alvarez e Ramalho, 2006: 9), que coincide com a análise estratégica de aspetos de ordem económica e jurídica, na análise das lógicas de intervenção e interação no mundo das artes e da cultura, direito, marketing, história e economia das artes (Alvarez e Ramalho, 2006: 6), traduzindo-se em aulas de carácter teórico-prático. É neste segundo ano do curriculum da disciplina que os alunos implementam de forma mais efetiva as suas aprendizagens, tendo oportunidade de demonstrar as diversas competências adquiridas, principalmente no 3º período, altura em que executam e avaliam o projeto cultural que planificaram e organizaram, respetivamente no 1º e 2º período letivos. Numa análise mais específica, o Módulo I foca aspetos sobretudo de natureza jurídica, como por exemplo os direitos de autor, ou como constituir uma organização com personalidade jurídica; o Módulo II, aspetos mais ligados à planificação e organização de um projecto cultural e, finalmente, o Módulo III que trata, por exemplo, aspetos de natureza logística e financeira da gestão do produto/projecto.

Sugestões metodológicas gerais do atual programa de GA:

O atual programa propõe a leitura de textos de introdução a cada temática e o convite a profissionais, personalidades e criadores artísticos para participarem em aulas ou pequenas conferências, (Alvarez e Ramalho, 2006: 13) sobretudo a programadores e gestores culturais que trabalhem numa organização ou instituição cultural. A atividade pedagógica implica o recurso a material audiovisual, promoção da técnica de brainstorming, no sentido de gerar ideias e soluções referentes à construção do projeto (12ºano).

Os aspectos elencados pelos autores (Alvarez e Ramalho, 2006) que, a meu ver, mostram o “espírito” do programa e que são ao mesmo tempo maiores desafios propostos, são apresentados do seguinte modo: (i) visitas de estudo a instituições e organização de um evento cultural, se possível, baseado num protocolo com uma organização cultural de forma a agilizar a realização de pequenos seminários ou aulas práticas, ou estágios de curta duração, de acordo com o projeto desenvolvido ao longo dos dois anos da disciplina, (ii) realização do evento de fim de ano - tipo mostra de artes, cuja natureza constitua um

laboratório necessário e ideal para que os alunos de Gestão das Artes ponham em prática os saberes adquiridos (Alvarez e Ramalho, 2006: 6). Pressupõe-se que os projetos para a mostra de artes terão a cobertura da instituição escola, com todo o património de credibilidade que oferece, tornando-se um agente facilitador nos contatos com potenciais parceiros nas múltiplas esferas públicas e privadas (Alvarez e Ramalho, 2006: 13). No programa de GA, há referência a uma relação privilegiada que a disciplina pode estabelecer com as especializações do Curso de Produção Artística (Alvarez e Ramalho, 2006: 14).

Posto isto, os aspectos que se relacionam com a Mostra de Artes, os protocolos com Instituições e a relação privilegiada que GA pode ter com as especializações dos cursos, são os aspectos mais relevantes do carácter da disciplina.

Continuando a análise do programa, embora de modo esporádico, é possível também identificar algumas competências específicas por módulo ou unidade, no corpo de texto do atual programa. As competências gerais que se espera que os alunos adquiram são as seguintes:

- Reconhecer o Bem Artístico.
- Pesquisar informação artística e específica do setor (espetáculos, festivais, eventos culturais, artísticos, revistas e sítios na internet).
- Identificar as principais tendências e correntes da produção artística contemporânea a nível nacional e internacional.
- Analisar os programas artísticos e as políticas de programação de instituições culturais.
- Recorrer a programas e instrumentos de financiamento.
- Analisar estudos de mercado e comportamentos sociais.
- Identificar os pontos fracos e os pontos fortes de um projeto artístico.
- Aplicar os processos legais para a realização de um evento artístico.
- Elaborar um projeto e respetivas grelhas de planificação.
- Participar colaborativamente no trabalho em equipa, assumindo o seu papel no contexto do projeto.
- Apresentar de forma clara os argumentos que suportam os seus pontos de vista. (Alvarez e Ramalho, 2006: 15)

Os recursos sugeridos no atual programa de GA:

Os recursos sugeridos para a implementação do programa, prevêem a utilização de um programa informático de gestão de projetos (que nunca foi adquirido pela escola onde leciono) a existência de computadores com acesso à Internet e a disponibilização de equipamento audiovisual (leitor de vídeo, CD, DVD e projetor de dados). Neste caso, a escola disponibiliza esses meios que têm sido recorrentemente utilizados por mim e pelos professores da disciplina. Por último, pressupõe ainda a realização de protocolos de colaboração entre a escola e as diferentes instituições de produção, de criação e de gestão artística, para a realização de pequenos seminários e aulas práticas, para o acolhimento dos alunos nessas instituições, de acordo com o projeto desenvolvido ao longo dos dois anos da disciplina (Alvarez e Ramalho, 2006: 16).

A avaliação sugerida no atual programa de GA:

Depois de, no início do ano, se aplicar um instrumento de avaliação com a finalidade de diagnosticar o nível de saberes e competências dos alunos, de forma a estabelecer as estratégias adequadas para o sucesso das suas aprendizagens, o programa prevê a prática da avaliação sumativa, com enfoque na avaliação formativa, permitindo identificar a situação dos alunos no que respeita às aprendizagens desenvolvidas, com vista à definição e ajustamento das estratégias de ensino-aprendizagem (Alvarez e Ramalho, 2006: 17). Reconhece-se a importância da auto-avaliação na implementação da consciencialização progressiva do trabalho realizado e do desenvolvimento de atitudes e valores, no sentido de a avaliação não se centrar apenas na aferição dos conceitos adquiridos, devendo também tomar em consideração a aquisição de competências processuais e valorativas (Alvarez e Ramalho, 2006: 17). Realça-se igualmente a importância de definir de forma clara os critérios de avaliação, fazendo a apresentação dos mesmos aos alunos. Paralelamente, propõe-se a utilização de diversos instrumentos de avaliação: testes, relatórios de atividades, trabalhos de grupo, participações na aula, entre outros instrumentos.

Recursos bibliográficos sugeridos no atual programa de GA:

De acordo com os autores, um dos principais problemas em termos de recursos da disciplina, em 2006, seria a não existência de um número razoável de títulos bibliográficos, em língua portuguesa, que auxiliassem nas aprendizagens da disciplina. Ao verificarmos a bibliografia sugerida no atual programa, torna-se uma evidência que há poucas publicações sobre Gestão das Artes. A razão que podemos apontar é o facto de ser uma área profissional e de estudo relativamente recente, em Portugal, sobretudo. Esta característica é abordada de forma mais esclarecedora

no trabalho de projecto *Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado*¹¹.

A prática pedagógica e a aplicação do programa da disciplina de Gestão das Artes

Quando comecei a lecionar a disciplina no ano letivo 2009/10, além da necessária adaptação ao novo contexto, um dos principais problemas com que me deparei foi o facto de trazer importantes referências bibliográficas; temas/conteúdos e metodologias que achava fundamentais estarem expressos no programa. Sentia que podia dar mais aos alunos, mas por ser um jovem professor, tinha receio de questionar o que devia ensinar. Pensava: sou pago para cumprir o programa. Tratava-se de uma questão profissional e deontológica. Uma dúvida que persistiu durante muito tempo foi: até onde poderia ir nessa vontade de transformar o programa, no sentido de torná-lo mais interessante e potenciar mais dinâmica no 12ºano, sobretudo no tempo dado aos alunos para a organização do projecto para a Mostra de Artes. Havia uma questão deontológica fundamental a ultrapassar: flexibilizar o programa até onde (?) e, por outro lado, faltava-me mais conhecimento científico-pedagógico sobre o processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, sobre avaliação.

Sentia que tinha um excelente conhecimento teórico e empírico sobre a disciplina, as características pessoais e sociais necessárias para ter sucesso como professor, mas faltava-me alguns conhecimentos pedagógicos do âmbito académico, que a profissionalização em serviço me forneceu no ano de 2016. Antes disso, fui construindo o meu próprio reportório, através de leituras esporádicas, ora por força dos acontecimentos e por construções lógicas que surgiam, ora fruto de diálogos com os meus colegas professores mais experientes, ora do feedback que os alunos me iam dando sobre as aulas. O problema era sempre o tempo - para experimentar formas de ensinar e formas de aprender.

O programa da disciplina é o princípio onde se alicerça todo o trabalho a desenvolver por professores e alunos, daí o meu enfoque no quadro de uma relação pedagógica ser entre o agente (professor) e o objeto (programa), que se pode denominar de relação didáctica (RD) Objeto-Agente (Martins, 2002: 40). A disciplina de Gestão das Artes alicerça competências para a gestão do produto artístico e conhecimentos que permitem aos alunos trabalhar em contexto organizacional, num projeto cultural ou numa organização formal ou informal: vislumbra o produto artístico numa perspetiva económica, financeira e legal; o aluno constata que, provavelmente, terá de liderar ou então lidar com equipas de trabalho; passa a conhecer as técnicas de marketing, comunicação e de captação de recursos para financiamento do seu projeto pessoal (artístico) ou projeto cultural, que espera desenvolver ou contribuir. Estas são algumas das situações que podem

acontecer no seu futuro. É neste desenredar que, a meu ver, a disciplina se torna importante no ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais. GA privilegia o contexto mas centra-se igualmente no desenvolvimento estético-artístico e cultural, valorizando tanto o processo, como o produto e o resultante da experiência artística (Martins, 2002: 58).

Tendo de cumprir o programa, é na planificação que ajusto o tempo, adequo estratégias, ajusto temas e conteúdos¹², aplico metodologias e novos recursos, procurando porém, garantir a consecução de objetivos e competências pretendidas. Os objetivos educacionais são articulados com as planificações das aulas para cada nível e área de especialização de cada turma. Como os alunos não possuem os mesmos conhecimentos prévios e competências na disciplina, é na planificação de aulas que se podem criar orientações, de forma a ajudá-los a progredir de acordo com a sua área de especialização, capacidades e características culturais. É na planificação que se pretende ensinar, bem como a forma e o tempo que serão dados a cada tema/conteúdo, podendo realizar-se diariamente, semanalmente e por unidades, ou anualmente. É também importante a gestão do espaço - sala de aula - no sentido de facilitar a comunicação entre os intervenientes, a utilização dos recursos didáticos diversificados e a adequação de tarefas a diferentes grupos de alunos, de acordo com as suas afinidades. O teste de diagnóstico deve ser feito no início do ano letivo e, por experiência pessoal, tem sido uma importante fonte de informação para a preparação das aulas.

Relativamente aos modelos de ensino, para os diferentes níveis e conteúdos, recorro a diferentes estratégias. No 11ºano, por ser mais teórico, sirvo-me do modelo expositivo, através do ensino de conceitos e instrução direta de ensino, introduzindo deste modo, conceitos-chave. A diversidade de temas e de conceitos presentes no programa, fez com que a minha prática letiva se baseasse sobretudo no estabelecimento de referências de diversas áreas de conhecimento. Por experiência pessoal, sei que muitos alunos vão acabar por estudar no ensino superior outras áreas: curadoria, estudos artísticos, história de arte, conservação e restauro, museologia, antropologia, sociologia da arte, etc. Aqueles que mostravam mais apetência para o desenho e a prática artística, dou-lhes múltiplas perspetivas de curadores, programadores, historiadores e críticos de arte; sobretudo a visão de artistas contemporâneos, das questões da *praxis* artística e da importância da reflexão sobre essa *praxis*.

O 12ºano, por ser de carácter mais prático, implica mais a ação dos alunos no planeamento e execução de planos de trabalho e pequenas tarefas, quer individualmente quer em grupo e, por esse motivo, o modelo de ensino deve ser mais centrado no aluno. Nesse sentido, enquanto docente, exploro mais a aprendizagem cooperativa, a

aprendizagem baseada em problemas e discussão em sala de aula. Procuo abordar questões essenciais do processo de planeamento, organização, execução e avaliação de um projeto cultural e ainda dotar o aluno de uma perspetiva de como vai gerir o seu produto artístico quando sair da escola. Deste modo o ensino torna-se mais individualizado, mais centrado no aluno, partindo dos problemas e soluções conceptualizadas no processo ensino- aprendizagens a que se juntam ferramentas que o aluno tem oportunidade de aprender a usar, no sentido de resolver os seus problemas, quer quando está integrado no mercado de trabalho, num sentido mais profissionalizante, quer no mundo puramente criativo e individual das artes.

Resumindo, temos um 11ºano em que os modelos de ensino são mais centrados no professor e, no 12ºano, modelos de ensino mais centrados no aluno, porém e baseando-me também na minha experiência enquanto docente, nenhuma abordagem é melhor do que a outra¹³. Como refere Arends (2008), a seleção de uma determinada abordagem em vez de outra depende, não apenas dos objetivos que se estão a tentar atingir e das características dos alunos em particular, mas também dos valores e das expectativas da comunidade, ou seja, os professores devem estar preparados para aplicar modelos múltiplos de ensino e relacioná-los de forma criativa ao longo de uma aula, ou de uma unidade de instrução (Arends, 2008: 447).

Arends (2008) indica que ensinar requer um professor com um repertório de práticas eficazes de ensino e, nas palavras deste autor, deve-se procurar abranger os três domínios da prática pedagógica: Liderar, Instruir e Organizar. Ser capaz de liderar implica planificar, motivar e coordenar o trabalho, facilitando as aprendizagens de forma a gerar contributos para, por exemplo, o Plano Anual de Atividades (PAA) e para o Projeto Educativo de Escola (PEE). Instruir, mediante modelos de ensino que no fundo são escolhidos por cada docente, atendendo ao contexto em que decorrem. As características sócio culturais dos alunos, o espaço e o tempo onde ocorrem as aprendizagens determinam essas escolhas (Arends, 2008). A aquisição de diversos conhecimentos fundamentais e a perceção mais racional dos modelos teóricos pedagógicos, contribuem para a versatilidade do trabalho de um professor, apetrechando-o para instruir, o que permite também potenciar a criatividade e espontaneidade tão necessárias no papel de liderança (Arends, 2008: 24). Por último, a organização implica que o docente trabalhe com a comunidade escolar em geral e com os colegas, onde deve assumir papéis e promover o incremento de ações em prol do sucesso escolar e consumação de metas curriculares. Aqui o aspeto da interdisciplinaridade é fundamental e GA é um motor para a envolvimento de outras disciplinas e parceiros externos. Só a apresentação de um estudo de caso poderia esclarecer melhor o leitor sobre esta dinâmica. Um estudo de caso com a designação “Projeto da Turma do 12ºM |ano lectivo 2015/16”, pode ser consultado no trabalho

de projecto que realizei: *Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado*¹⁴. Além dos aspectos referidos, o estudo de caso também esclarece a forma como os alunos, planificam, organizam, controlam e avaliam o seu trabalho/projecto para a Mostra de Artes e os resultados físicos, como exposições e o dossiê do projecto cultural, para o qual todos, individualmente e em grupo, contribuem.

No que diz respeito a avaliação, a abertura e a consciência de que todos os dias podemos melhorar, ajudaram-me na minha construção pessoal e profissional. Comecei por ser rígido na avaliação: baseava-se sobretudo num teste e num trabalho e, a média dos dois, daria uma nota. O 12º ano é mais prático e eis um novo problema e novas questões: como avaliar o que os alunos vão fazendo no dia-a-dia, na sala de aula? O que é isso de uma grelha de observação? Como faço, como explico aos meus alunos que a auto avaliação não pode incidir apenas na nota do teste e do trabalho final do período. Dúvidas do professor principiante. Os descritores de avaliação oficializados nos órgãos da escola, ajudaram-me a confirmar que afinal a avaliação é coisa muito mais holística do que a mera média de duas provas de avaliação, que via a acontecer noutras disciplinas teóricas.

Para garantir a equidade na diversidade e fazer uma avaliação justa, podemos implementar modos alternativos de avaliação (Pinto e Santos, 2006) como por exemplo o recurso ao relatório escrito, (normalmente é um pequeno trabalho de investigação); o teste em duas fases (para alunos com nota negativa em provas de avaliação escrita) e ainda, no 12ºano, a construção do portefólio, a que chamamos dossier de gestão (do projecto para a Mostra de Artes), são alguns dos recursos. Outro aspeto importante na prática pedagógica é a diversificação das formas de recolha de informações para avaliar, como refere Fernandes (2011), esta diversificação é fundamental, porque permite alcançar o rigor que toda a avaliação deve ter (Fernandes, 2011: 97).

A avaliação é mais complexa no 12ºano, quando os alunos desenvolvem o seu projeto cultural para o evento Mostra de Artes, porque estão todos envolvidos, em pequenos grupos que, no seu conjunto, trabalham para o projeto da turma (projeto expositivo, programação cultural). Dada a natureza essencialmente prática e coletiva desse trabalho, cada grupo fica responsável pela gestão de um determinado recurso – financeiros; materiais e meios técnicos; marketing e comunicação, gestão do produto/curadoria. O organigrama da turma (de preferência sem níveis hierárquicos) representa esses grupos de alunos que vão contribuindo com material para o dossier de projeto (sempre online no Google drive) e para a planificação, execução e avaliação do projecto. O conjunto dos contributos constituirão o dossier do projeto e paralelamente um evento cultural. Isso implica que se criem e se adaptem instrumentos de avaliação diversificados, por forma a não

criar sentimentos de injustiça. A nota final deste projeto, e da avaliação sumativa, é mediada com os alunos (através da auto-avaliação) a partir dos descritores de avaliação da disciplina.

No que toca à bibliografia a que recorro, existem vários autores que me interessam e que partilho com os alunos e colegas da disciplina. É fundamental identificar o que é importante ensinar dentro de cada tema conteúdo e de forma actualizada. Para isso, ora recorro a textos de referência sobre as diferentes matérias a lecionar, ora me apoio em casos práticos de trabalho.

No que diz respeito às relações com os meus pares, procurei desde cedo esclarecer as finalidades e objetivos expressos no programa de GA, principalmente junto dos colegas de Projeto e Tecnologias (PT), analisando o que poderíamos fazer de modo a ampliar as aprendizagens e operacionalizar os produtos de PT para o desenvolvimento de projetos dos alunos, geridos por estes, para a Mostra de Artes. Com os colegas de GA, desenhámos estratégias para a prática letiva, mais adequadas às finalidades do programa e fomos partilhando experiências, bibliografia e recursos didáticos.

Para mim, desde cedo, o principal objetivo que deveria ser alcançado, seria fomentar a interdisciplinaridade como uma prática efetiva, de preferência juntando uma parceria institucional: museus, centros culturais, teatros, galerias, qualquer organização que partilhasse a ideia de que os alunos merecem visibilidade nos seus trabalhos. Fruto do programa de requalificação das escolas, a *António Arroio* passou de “contentores” para um novo edifício, cuja finalização ficou parada em 2012, tendo os meios e condições para fazer a Mostra de Artes ficado condicionadas pelas obras. Provavelmente esse terá sido o primeiro estímulo para procurar parcerias e apresentar os trabalhos dos alunos em contexto exterior à escola.

De um modo geral, desde o ano letivo 2009/10, ano em que contrataram professores de técnicas especiais para lecionar disciplina, GA tem construído uma reputação na EAAA e fora desta, que prima pelo forte contributo para as metas do Plano Anual de Atividades da Escola e para a consumação do seu Projeto Educativo, tendo como principais instrumentos a mobilização de trabalho interdisciplinar com a disciplina de Projeto e Tecnologias, bem como o estabelecimento de protocolos e parcerias institucionais. Normalmente, todas as turmas do 12ºano têm feito exposições – no fim de ano letivo – em GA chamamos Mostra de Artes, consubstanciando aprendizagens e competências específicas e transversais. Gestão das Artes é um veículo mobilizador do currículo geral dos alunos, partindo deles e para eles.

Estes incrementos foram importantes para a EAAA e a disciplina de GA ganhou visibilidade para os alunos,

muito por força da capacidade de criar objetivos coletivos de trabalho, com alunos, colegas de GA e de outras disciplinas.

A título de conclusão percebemos que os temas/ conteúdo são passíveis de uma reordenação e melhoria tendo como base a experiência da prática letiva da disciplina, a que se juntam os recursos da produção literária e académica que se pretende atualizada. Atualizar estes aspectos, implica compreender os grandes desafios que hoje se colocam quer aos alunos e ao que se espera do perfil de um aluno à saída da escolaridade obrigatória¹⁵, quer na área da Gestão das Artes/Cultural. Estas premissas merecem um outro trabalho, devidamente aprofundado.

A planificação das aulas têm sido fundamental para, por um lado o cumprimento das finalidades do programa e, por outro lado, tem sido o mecanismo para contornar as lacunas que o atual programa já evidencia.

Por último, a interdisciplinaridade e as parcerias institucionais são importantes na criação de sentido para todas as aprendizagens, ao longo dos 3 anos de um curso. Permitem uma longa caminhada, mas com um fim feliz, porque promovem aquilo que qualquer jovem artista deseja: ver o seu trabalho em contexto de exibição. Normalmente tenta-se manter as ligações a todas as entidades/instituições com quem já trabalhou. Passam a ser nossas “amigas” e em cada ano que passa, vamos descobrindo novas para novos projetos.

Nestes oito anos de prática letiva da disciplina, foram vários os projetos interdisciplinares e parcerias com instituições culturais, que geraram um laboratório excepcional de aprendizagens integradas na vida ativa da cidade, no seu contexto artístico, social e cultural. De vários que aconteceram nos últimos 9 anos, apresento alguns links:

Links para projetos interdisciplinares e em parceria mais recentes:

2018

Primeiras Impressões – Sociedade Nacional de Belas Artes: <http://www.antonioarroio.edu.pt/primeiras-impressoes/>

Sete Fios, Uma Torção – Espaço Alcantara: [http://www.antonioarroio.edu.pt/sete-fios-uma-torcao/](http://www.antonioarroio.edu.pt/sete-fios-uma-torca/)

2017

O Múltiplo – Sociedade Nacional de Belas Artes: <http://www.antonioarroio.edu.pt/o-multiplo/>

Imersão Inversa – Fábrica Braço de Prata: <http://www.antonioarroio.edu.pt/imersao-inversa/>

Bairro IndieJunior2017: <http://indielisboa.com/festival-indiejunior/bairro-indiejunior/>

Links para informações relativas a outros projectos, em anos letivos anteriores:

<http://www.antonioarroio.pt/o-dia-do-redimeide/>

<http://www.antonioarroio.pt/exposicao-luz-efervescencia-de-um-lugar/>

<http://www.antonioarroio.pt/exposicao-nao-sao-linhas-sao-fios/>

<https://www.facebook.com/mostradecinemaarroio/>

<http://www.antonioarroio.pt/80-anos-un-filme/>

<http://www.antonioarroio.pt/80-por-extenso-exposicao/>

<http://www.antonioarroio.pt/exposicao-obras-do-mnac-regressadas-da-aula/>

<http://culturgest.graficosdofuturo.com/extras/2013/02/se/antonio-arroio.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=FDtATSaSWMk>

<http://www.antonioarroio.pt/a-antonio-arroio-no-programa-panos-culturgest/>

<http://www.antonioarroio.pt/exposicao-lugares/>

<http://www.antonioarroio.pt/este-ano-a-antonio-arroio-esta-no-doclisboa/>

Link para conversas e debates no âmbito da disciplina de Gestão das Artes:

<https://gestaodasartes.wordpress.com/>

A importância da disciplina de Gestão das Artes no ensino artístico especializado

Como é que os alunos olham a disciplina e a sua importância no currículo do ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais? Nesse sentido, efetuei uma pesquisa no terreno, realizada no final de 2014, no âmbito da cadeira de Pesquisa no Terreno, no 1º semestre de 2014, Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura – ramo Gestão Cultural no ISCTE-IUL e, posteriormente, dois inquéritos realizados no mês de maio dos anos letivos 2015/16 e 2016/17 aos alunos do 11º e 12º ano que frequentam a disciplina.

A minha posição de investigador/professor facilitou o acesso ao local e o processo de recolha de dados, bem como o acesso aos informantes e inquiridos. O maior obstáculo em relação ao grupo de estudo, durante a pesquisa no terreno, foi o fato de os alunos me reconhecerem como professor, logo era uma figura de autoridade. A questão ética de pedir autorização à Direção da escola EAAA e esclarecer os alunos antes de fazer perguntas foi cumprida.

Relativamente à pesquisa no terreno, os locais onde assumi uma posição de observador e de observador participante foram: o café em frente à escola, a entrada

e o espaço junto ao portão. Completei o diário de campo com as *full field notes*, como Lofland e Lofland (1995) descrevem, partindo da informação recolhida num bloco de apontamentos que foi utilizado ao longo de 5 dias, mais precisamente nos dias 9, 10, 11, 12 e 15 de Dezembro de 2014, com a regularidade média de 1h30 por dia. Esse bloco serviu para registar as notas mentais *mental notes* Lofland e Lofland (1995), as conversas (entrevistas não estruturadas), bem como as anotações rápidas *jotted notes* Lofland e Lofland (1995) breves apontamentos para, posteriormente, auxiliar a memória. O diário de campo deu-me a possibilidade de registar informação que recolhi, quer como observador, quer como observador participante e, juntamente com as entrevistas não estruturadas, aspeto fundamental para recolher informações mais detalhadas e concretas, constituíram a metodologia da minha pesquisa no terreno. Relativamente ao uso de um bloco de notas, quando efetuava as entrevistas, tive presente um aspeto caracterizador da pesquisa etnográfica sugerida por Sanjek (1990), não deixar que a tomada de notas interferisse na interação estabelecida entre mim e o grupo de estudo, mas sim dar prioridade a essa interação (Sanjek, 1990: 23).

Um simples bloco de apontamentos pareceu-me a ferramenta mais discreta, porque é identificável com o diário gráfico que os alunos usam habitualmente no seu tempo livre para desenharem. Enquanto completava o diário de campo, observei que os informantes se sentiam compelidos a abordarem-me com curiosidade para saberem se estava a desenhar. Neste sentido, este método foi facilitador do acesso aos informantes, ao contrário do que teria sido um gravador, por exemplo. A forma como conduzi as entrevistas não foi despicienda. Optei por não fazer um guião prévio, enveredando por entrevistas não estruturadas. Este foi um dos aspetos que me obrigou a ter mais atenção, seguido das perguntas que fazia e do modo como as conduzia. Sentia que estava a fazer uma mistura de *casual interviewing* com uma *interviewing by comment* (Lofland e Lofland, 1995: 71). Erro de procedimento ou não, aceitando a minha inexperiência, queria que os alunos sentissem que estavam a conversar mais do que a dar uma entrevista. Creio que consegui esse objetivo. As notas que tomava sobre o que observava, bem como as perguntas e as respostas que fui anotando, proporcionaram-me informação substancial para o meu estudo, produzindo os seguintes dados gerais do diário de campo e dados específicos por categorias:

Fichas de observação: 6
Datas da observação participante: 9, 10, 11, 12 e 15 de Dezembro 2014
Local: Escola Artística António Arroio (zona de lazer dos alunos)
Nº de observados: 41
Nº de entrevistados: 28 (26 Alunos da escola e 2 elementos externos à escola)
Nº de informantes: 26

Quadro 2.1 – Dados gerais do diário de campo:

CATEGORIAS / Nº DE FICHA	F1	F2	F3	F4	F5	F6
Nº de informantes (total=26)						
Que comentaram o que achavam da disciplina de Gestão das Artes (GA)	6	3	3	4	4	6
Que apreciaram a disciplina de GA de uma forma positiva	6	0	3	3	3	1
Que preferem outras opcionais / não gostam / ou que não conheciam bem a disciplina	0	3	0	1	1	5

Quadro 2.2 – Cruzamento de dados específicos por categorias com as fichas de observação:

Neste trabalho de campo foram observados 41 indivíduos, entre os quais 28 participaram nas entrevistas; destes 28, 26 são considerados informantes, na medida em que são aqueles que testemunham a experiência ou o mínimo de conhecimento sobre o assunto, neste caso, a disciplina de Gestão das Artes em contexto escolar. Casualmente, foram entrevistados 2 indivíduos externos à escola.

Dos informantes que forneceram informações sobre a realidade social da disciplina, considere aqueles que me deram atenção e procuraram acompanhar a conversa respondendo nomeadamente ao que acham da disciplina e da sua importância no currículo; aqueles que de algum modo demonstraram conhecimento sobre o programa; aqueles que comentaram os métodos dos professores e ainda, os que procuraram destacar os temas mais interessantes abordados em contexto de aula. Tive ainda em conta o *feedback* dos participantes/informantes que revelaram aspetos menos positivos.

Como exemplo, e para percebermos em que termos os alunos se referem à disciplina, apresento o quadro em baixo com dados relativos à ficha 4, seguida das notas com anonimato (quadro 2.4). As notas recolhidas, permitem-nos compreender como foi feita a abordagem no terreno e a dinâmica da entrevista não estruturada que se desenvolveu.

Ficha 4
Data da observação: 11 de Dezembro 2014
Local de observação: No exterior da escola Artística António Arroio - junto ao portão
Número de sujeitos observados: 6
Informantes: 4
Início da observação: 17h40
Término da observação: 18h28
Duração de entrevista não estruturada: +/- 20 m
Participaram na entrevista: 4 indivíduos (4 são informantes)

Quadro 2.3 – Dados da ficha 4 do diário de campo:

Encontrei um grupo de alunos que me era estranho e decidi interpela-los. Eu sou o H, e no grupo estava o M a BR e a AD que são do 11º mais a ID que é do 10º ano. Com a exceção da ID, os outros frequentavam a disciplina de GA.

H: Porque razão escolheu GA?

O M diz que calhou e a B e a A escolheram com algum conhecimento de causa. A B disse que teve conhecimento da disciplina através do seu professor de projeto e tecnologias e também consultou o site da escola e leu as informações que lá estavam sobre a disciplina.

A: Acho que é mais ligada à produção artística.

I: Eu estou no 10º ano (repetiu) mas se fosse para o 11º ano escolheria GA.

H: Porquê?

I: Acho mais indicada para fazer projetos, exposições, etc..
(A I, apesar de estar no 10º ano, tinha algum conhecimento.)

H: Para quem está a ter GA, gostaram dos temas/conteúdos que tiveram até agora?

B: muito interessantes!

Todos abanaram a cabeça em concordância. Entretanto chegaram mais dois, o S do 11º e o D de outro 11º (não tem GA nas sim TD - Teoria do Design)

Virei-me para o D e perguntei-lhe:

H: Sabes o que é Gestão das Artes?

D: É organizar exposições.

H: Se pudesses escolherias?

D: Eu optei por TD, sou de design de comunicação.

A: Acho que ajuda a conhecer mais artistas e métodos de trabalho.

Neste grupo, notei que os alunos que têm GA são um conjunto de informantes com conhecimento e gosto pela disciplina. Isso poder-me-á ser útil para no futuro obter informação mais especificamente sobre os conteúdos da disciplina.

Quadro 2.4 - Notas da entrevista com anonimato relativas à Ficha 4:

A propósito das notas descritivas no diário de campo e citando Luís Fernandes (2002), estas ordenam uma série de cognições e de sentimentos que constantemente se produzem no contato com a vida social do local. Escrever estas notas de terreno é um processo de construção de sentido (Fernandes, 2002: 26). Creio que o diário de campo traduziu de forma satisfatória essa criação de sentido, na medida em que na interação com os participantes foram sendo produzidos novos dados que surgem do diálogo livre e com objetividade suficiente para saber o que acham os alunos da disciplina. Isto foi, de certa forma, um estímulo para avançar com um trabalho académico no ISCTE-IUL.

Apesar de eu ser familiar ao contexto do estudo, os alunos refletem uma condição sócio-cultural diferente da minha, que sou professor. Não é um preconceito assumir neste estudo que os meus informantes consideram que não pertenço à “tribo” deles, que não oiço música que eles ouvem, não falo da mesma maneira, que não tenho a mesma postura perante o mundo. A figura de autoridade que exerço sobre eles foi o maior obstáculo à investigação. A preparação da pesquisa no terreno levou-me a perceber que esse estereótipo era incontornável, todavia poderia ser atenuado pelo espírito dos alunos desta escola. Neste

sentido, nunca me poderia sentir um “intruso” o que, teoricamente, traria uma problemática ainda maior. Queria ter um olhar de estranho dentro da “família” e sabia empiricamente que os alunos, regra geral, são bastante sociáveis e vêem os professores da EAAA como seus pares. Talvez por isso o lema da escola seja: AMO-TE.

A conclusão, tirada do relatório que produzi no âmbito da cadeira de Pesquisa no Terreno, no 1º semestre de 2014 no ISCTE-IUL, mostrou que os alunos, na sua maioria, gostam da disciplina, e os que conhecem os seus conteúdos acham-na pertinente. Os resultados da ficha 6 (F6), no quadro 2.2, dizem respeito a alunos que tinham como disciplina opcional Físico-Química que, apesar de revelarem algum conhecimento sobre a disciplina de GA, foram o único grupo entrevistado sem contacto letivo com a mesma, sendo, por isso, pouco ilustrativo.

No sentido de aprofundar a leitura de como os alunos viam a disciplina na EAAA, optei por fazer um inquérito. A duas semanas do final dos anos letivos, 2015/16 e 2016/17, por forma a apurar a importância da disciplina de Gestão das Artes no ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, numa das questões pedi-lhes para classificarem o grau de importância da disciplina, numa escala de 1 a 5 (conforme imagem abaixo/em anexo), em que o “1” corresponderia a “Nada Importante” e o “5” a “Muito Importante”.

33
A) RESPONDA NUMA ESCALA DE 1 A 5 SEM QUE 1 É “NADA IMPORTANTE” E 5 É “MUITO IMPORTANTE”

1 2 3 4 5

1. Qual o grau de importância que dá a esta disciplina no âmbito do ensino artístico especializado

Figura 2.1- Formato da pergunta aplicada no inquérito:

O questionário foi aplicado, em condição de anonimato, a 275 alunos do 11º e 12º ano e foi distribuído da seguinte forma:

No ano letivo 2015/16 por 9 turmas: 5 turmas do 11ºano, num total de 106 inquéritos respondidos e 4 turmas do 12ºano, num total de 61 inquéritos respondidos. No ano letivo 2016/17 por 6 turmas: 4 turmas do 11ºano, num total de 73 inquéritos respondidos e 2 turmas do 12ºano, num total de 35 inquéritos respondidos. Mais dados relevantes para a análise:

No ano letivo 2015/16 estavam inscritos em Gestão das Artes no total:

11ºano: 252 alunos

12ºano: 168 alunos

No ano letivo 2016/17 estavam inscritos em Gestão das Artes no total:

11ºano: 199 alunos

12ºano: 230 alunos

Resultados estão expressos na figura que se segue:

Importância da Disciplina				
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Válido	Pouco importante	5	1,8	1,8
	Indiferente	30	10,9	12,7
	Importante	114	41,5	54,2
	Muito importante	126	45,8	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Figura 2.2 - Tabela X: Grau de importância da Disciplina no total dos inquiridos.

No geral, observamos que nenhum dos inquiridos respondeu “1- Nada Importante” e que apenas 12,7% dos inquiridos considera a disciplina “Pouco Importante” ou “Indiferente”. Dos 275 inquiridos, 240 (87% dos inquiridos) consideram que a disciplina de Gestão das Artes é “Importante” ou “Muito Importante”.

Comparando as respostas em anos letivos diferentes, a única diferença significativa a realçar é uma menor percentagem de inquiridos a escolher como grau de importância o “Pouco Importante” (cf. Tabela Y e Gráfico Y). No entanto essa diferença é bastante mais expressiva quando comparamos o nível escolar dos alunos (cf. Tabela Z e Gráfico Z). Relativamente aos inquiridos do 11º ano, 2,79 % responderam que consideravam a disciplina “Pouco Importante” e para 13,41% seria “Indiferente”, sendo a percentagem dos que consideram a disciplina “Importante” ou “Muito Importante” na ordem dos 83,8%.

Analisando as respostas dos inquiridos do 12º ano, podemos constatar que nenhum dos inquiridos considerou que a disciplina é “Pouco Importante”, sendo menor também a percentagem de alunos que consideram que lhes é “Indiferente” (6,25%). A percentagem de alunos que considera que a disciplina é “Importante” ou “Muito Importante” ascende a 93,75%, traduzindo uma maior apreciação da importância da disciplina, por parte dos alunos, à medida que terminam o seu percurso escolar na Escola Artística António Arroio.

	Ano Letivo	
	2015/2016	2016/2017
Importância da Disciplina	Contagem	Contagem
Nada importante	0	0
Pouco importante	4	1
Indiferente	20	10
Importante	69	45
Muito importante	74	52

Figura 2.3 - Tabela Y: Grau de importância da disciplina por ano letivo.

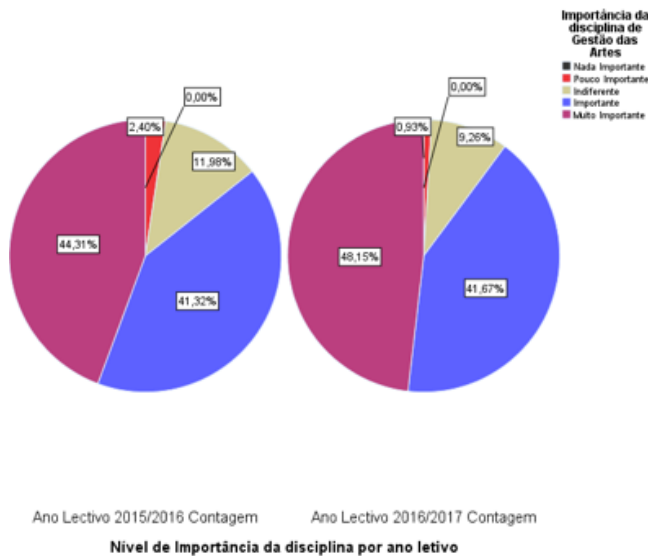


Figura 2.4 - Gráfico Y: percentagens do grau de importância da disciplina por ano letivo.

Importância da Disciplina	Nível Escolar	
	11º Ano	12º Ano
	Contagem	Contagem
Nada Importante	0	0
Pouco Importante	5	0
Indiferente	24	6
Importante	72	42
Muito Importante	78	48

Figura 2.4 - Gráfico Y: percentagens do grau de importância da disciplina por ano letivo.

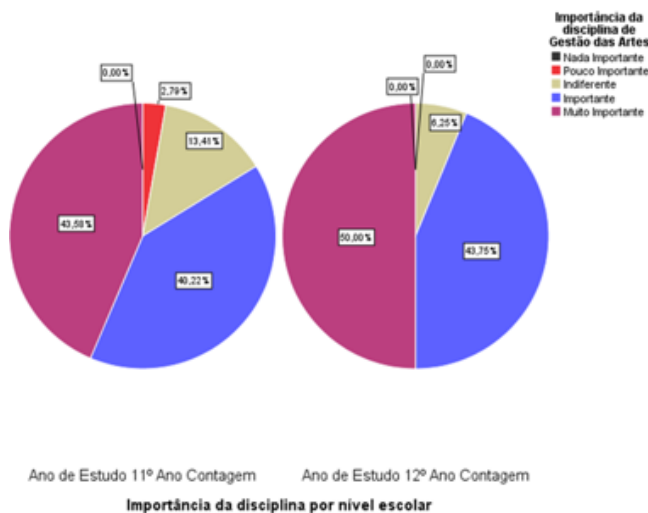


Figura 2.6 - Gráfico Z: percentagens do grau de importância da disciplina por nível escolar.

Concluimos que é notório o interesse dos alunos pela disciplina, que passou a ser cada vez mais procurada por estes. A própria Direção da escola EAAA foi gerindo este crescente interesse, distribuindo mais horários aos professores da disciplina. Desde o ano letivo 2009/10 até hoje, o número de turmas passou de nove para dezoito, e o número de professores a lecionar a disciplina de GA aumentou de dois para três, podendo brevemente chegar aos quatro.

Aluno | Artista | Gestor

Para terminar este texto, seria importante pensarmos o que é que GA acrescenta a um estudante de arte. Para sintetizar essa ideia podemos criar um trinómio: *aluno/artista/gestor*. O que se espera que o *aluno/artista* seja capaz de aprender e alcançar com GA?

Contrariando um pouco a ideia romântica do artista isolado do mundo e das coisas terrenas, que também existe, é muito importante que o aluno ponha a hipótese de vir a trabalhar integrado em equipas de produção artística e audiovisual, em contexto organizacional na área da cultura ou das indústrias criativas, onde habitualmente se promove um espírito de trabalho mais colaborativo e cooperativo, na criação de soluções e resolução de problemas.

Perante este facto, o que se espera é que o aluno saia da escola mais capaz, melhor preparado para os desafios globais e o mais autónomo possível. A realidade exterior à escola, por vezes impiedosa, pragmática e utilitarista, escapa ao aluno mergulhado no desenvolvimento das suas competências técnico-artísticas, trabalhadas nas disciplinas de Projeto e Tecnologias, de Desenho, no mundo teórico das disciplinas da componente científico humanística, como por exemplo Filosofia e História da Cultura e das Artes. Nada melhor do que os alunos terminarem a sua formação de três anos numa escola artística, evidenciando as suas aprendizagens através da Mostra de Artes, que reflete o processo de trabalho e o objeto materializado em contexto expositivo, para o qual o discente contribuiu como *aluno/artista* e *aluno/gestor*. Os pais, encarregados de educação familiares e amigos são dos maiores entusiastas deste desfecho. Esta é a acentuação privilegiada face ao contexto que GA oferece, centrando-se no desenvolvimento estético-artístico e cultural, valorizando tanto o processo, como o produto e o resultante da experiência (Martins, A, 2002: 58)

Se é fácil de, junto da comunidade escolar e principalmente dos alunos verificar a importância da disciplina, isso leva-nos à hipótese de a mesma deixar de ter carácter opcional (decretado pelo Ministério da Educação) para, efetivamente, passar ser parte obrigatória do currículo. Esta ideia pode ser facilmente defendida por diversos motivos. Gestão das artes, é, em si, um ato criativo, porque junta diversas componentes e implica um *jogo* de técnicas e saberes. Desenvolver um projeto cultural ou uma produção,

obriga-nos a perceber como é que este artista realizou isto? Mais concretamente, o que envolve fazer “isto” e como mostrar ao público? Não deverá o aluno ser – *aluno/artista/gestor* – do seu saber fazer e isso ser parte obrigatória do currículo? E, até que ponto esta disciplina não deveria ser uma cadeira opcional ou obrigatória em cursos de artes ao nível do ensino superior? Essa ideia pode ser corroborada pelos testemunhos de alunos e ex-alunos da Escola Artística António Arroio que prosseguiram o ensino superior .

Não será importante para um aluno do ensino artístico ter um currículo que lhe garanta perceber como é que as coisas são produzidas, que recursos foram mobilizados? Bastará ter a ideia e desenhar o projeto/obra? Para alguns colegas professores e para alguns pais, talvez baste. No mercado de trabalho e das artes, há sempre alguém (outros profissionais) que trata do resto - o problema aqui é o preço do know-how da organização e da produção.

Queremos que o aluno compreenda o que implica fazer arte nos dias de hoje e que isso mobiliza um série de conhecimentos, nomeadamente como gerir recursos, humanos, técnicos e materiais, financeiros, comunicacionais (marketing) além do próprio produto artístico que ele concebeu, isto se quiser controlar totalmente o processo artístico, ou seja, desde o papel até à participação ativa ou passiva de colaboradores e/ou do público. Mesmo que não o faça e delegue em outros profissionais certas tarefas, ele terá sempre uma visão de como “as coisas” funcionam ou “devem funcionar”. Nem tudo tem de ser feito em grande escala. Para um conjunto de desenhos, há formas de produzir, dar-lhe visibilidade, caso seja essa a intenção ao aluno/artista. Neste sentido, a disciplina de GA fomenta competências que servem muito bem para diferentes escalas de visibilidade e produção, apetrechando o aluno/artista/gestor no seu dia-a-dia.

É fundamental fazer exposições fora e dentro da escola, criando um roteiro /programa, que ilustre para todas as apresentações, as turmas e os conteúdos envolvidos, quando e onde aconteceu a Mostra de Artes. Aqui pode surgir uma pergunta: o que é que a Mostra de Artes tem de diferente, ou melhor, em que se distingue das outras exposições organizadas por outras disciplinas? Nas outras exposições, quem concebe, organiza e monta as exposições são quase sempre os professores, e o aluno “veste o fato” de aluno/artista que, por vezes é convidado a criar e/ou a ajudar. No caso das exposições ou programas da Mostra de Artes, os alunos vestem o fato de aluno/artista/gestor. Eles concebem, planificam, organizam, montam e refletem sobre o processo e os resultados. O professor de GA é apenas um motivador e (re)orientador.

Há um outro aspeto importante a ressaltar, para além do evento organizado pelos alunos em grupo; deve-se promover a materialização de uma memória do acontecimento, por exemplo através da criação de um site, um blog, um catálogo que reúna um conjunto de dados

informativos e ilustrativos do que aconteceu. Este é um dos aspetos que, ao longo da minha experiência enquanto docente, procurei acrescentar, integrado na construção de um dossier coletivo, ou portefólio, onde figuram contributos quer individuais quer coletivos dos alunos.

Concluindo, GA responde a vários objetivos, quer da disciplina, quer nas grandes metas da escola; veicula a interdisciplinaridade, os protocolos e as parcerias institucionais; atende à diversidade de turmas e alunos em sala de aula; contribui para a aquisição de competências específicas e transversais dos alunos, tornando-os o centro da ação pedagógica no sentido constructo do “bem comum”, do projeto coletivo, que é a escola – que somos todos nós.

E se os alunos acham que Gestão das Artes é uma disciplina importante e terminam o seu currículo como *alunos/artistas/gestores*, com certeza, ficam mais preparados para a realidade exterior à escola, mais autónomos no sentido constructo da sua liberdade.

Bibliografia:

Alvarez, José Carlos e José Ramalho. (2006), “Programa Componente de Formação Técnica-Artística Disciplina de Opção Gestão das Artes 11^o e 12^o Anos”, (online) Direcção-Geral Formação Vocacional, Lisboa, Ministério da Educação, Disponível em <http://www.anqep.gov.pt/aaaDefault.aspx?back=1&f=1&lws=1&mcna=0&inc=6079AAAAAAAAAAAAAAAAAAAA&codigono=576559875999AAAAAAAAAAAAAAAA>

Arends, Richard. (2008). Aprender a Ensinar, Madrid, McGraw-Hill

Fernandes, Domingos. (2011), “Avaliar para melhorar as aprendizagens: Análise e discussão de algumas questões essenciais”. Turma Mais e sucesso escolar: Contributos teóricos e práticos, Évora, Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora, pp. 81-107

Fernandes, Luís (2002), “Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica”, em Telmo H. Caria, Experiência Etnográfica em Ciências Sociais, Porto

Lofland, John e Lyn H. Lofland (1995), *Analysing Social Settings. A Guide to Qualitative Observation and Analysis*, California, Wadsworth Publishing Company

Martins, Amílcar (2002), *Didáctica das Expressões*, Lisboa, Universidade Aberta.

Sanjek, Roger (1990), *Fieldnotes. The Makings of Anthropology*, Ithaca and London, Cornell University Press

Pinto, Jorge e Leonor Santos (2006), “Instrumentos de avaliação ao serviço da aprendizagem”, em Jorge Pinto e Leonor Santos, *Modelos de Avaliação das Aprendizagens* Lisboa, Universidade Aberta, pp. 129-170

Fontes:

Portaria 1412/2007 de 29 de outubro

Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março

Portaria, n.º 550-B/2004 de 21 de maio

Portaria n.º 554/2004 de 22 de Maio

¹As informações podem ser consultadas em <http://www.anqep.gov.pt>

²A história da Escola Artística Soares dos Reis pode ser consultada em <https://www.essr.net/index.php>

³A história da Escola Artística António Arroio pode ser consultada em <http://www.antonioarroio.edu.pt/about/>

⁴As informações podem ser consultadas em https://www.essr.net/~jafundo/oferta_easr.pdf

⁵As informações podem ser consultadas em http://www.agrtc.pt/site/images/2017/Oferta_formativa_Tomas_Cabreira_2017_18.pdf

⁶As informações podem ser consultadas em <http://www.escarcavelos.edu.pt/Ofertas%20de%20Escola.html>

⁷O Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, e da avaliação das aprendizagens ao nível do ensino secundário, procedendo a uma reforma.

⁸A Portaria, n.º 550-B/2004 de 21 de Maio estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação e certificação das aprendizagens do nível secundário de educação, aplicáveis aos diferentes percursos do nível secundário de educação

⁹A Portaria n.º 554/2004 de 22 de Maio cria, no âmbito do ensino artístico especializado das Artes Visuais, os cursos de Design de Comunicação, Design de Produto e Produção Artística e, na área dos Audiovisuais, o curso de Comunicação Audiovisual e aprova os respetivos planos de estudo.

¹⁰O programa da disciplina de Gestão das Artes encontra-se disponível em <http://www.anqep.gov.pt/aaaDefault.aspx?back=1&f=1&lws=1&mcna=0&inc=6079AAAAAAAAAAAAAAAAAAAA&codigono=576559875999AAAAAAAAAAAA>

¹¹Pode ser consultado no trabalho de projecto com o título: Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado, ISCTE-IUL – Outubro de 2017, no Capítulo 2.

¹²Pode ser consultada no trabalho de projeto com o título: Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado, ISCTE-IUL – Outubro de 2017, uma proposta de renovação de temas e conteúdos no capítulo 3.

¹³Pode ser consultado no trabalho de projeto com o título: Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado, ISCTE-IUL – Outubro de 2017, no subcapítulo 3.4.

¹⁴O estudo de caso referido no texto, pode ser consultado no Capítulo 2 do trabalho de dissertação o título: Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado, ISCTE-IUL – Outubro de 2017.

¹⁵Documento de referência para a organização de todo o sistema educativo e para o trabalho das escolas, contribuindo para a convergência e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do desenvolvimento curricular. <http://>

www.dge.mec.pt/noticias/perfil-dos-alunos-saida-da-escolaridade-obrigatoria